



Fórum de Pró-Reitores de Extensão
das Instituições Públicas de
Educação Superior Brasileiras



Tão, tão distante: a extensão universitária e a (ir)relevância das periferias

Marcelo Minghelli¹, Vanessa Souza Pereira², Mariene Alves do Vale³, Bárbara Balbis Garcia¹,
Yuri Dutra Martins¹, Íris Garcia Tramontim de Farias¹

Resumo: Este artigo descreve a execução do Programa Cibercidadania, desenvolvido pelo Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, e suas contribuições para o processo de implementação da meta 12.7 do Plano Nacional de Educação, acerca da curricularização da extensão universitária. Três projetos têm sido desenvolvidos em parceria com a Escola Marista Social Lúcia Mayvorne, aproximando a academia e a comunidade. A concepção de extensão existente no Departamento se modificou, e uma nova disciplina referente à extensão foi proposta e aprovada. As ações realizadas na escola impactaram os educandos, que passaram a ter uma nova perspectiva quanto à carreira profissional e ao futuro. O artigo apresenta uma reflexão sobre os resultados parciais do programa, de modo a contribuir para a elaboração de ações de extensão que integrem à formação técnico-científica dos estudantes uma dimensão humana.

Palavras-chave: Curricularização da extensão; Plano Nacional de Educação; Ciência da Informação; Universidade; Comunidade

So, so far away: university extension and the (ir)relevance of the suburbs

Abstract: This article describes the execution of the *Programa Cibercidadania* developed by the Department of Information Science of the Federal University of Santa Catarina (Florianópolis, Santa Catarina state, Brazil) and its contributions to the process of implementing goal 12.7 of the National Education Plan regarding the curricularization of university extension. Three projects have been developed in partnership with the school *Escola Marista Social Lúcia Mayvorne*, bringing the academy and the community closer. The concept of extension in the University Department was modified, and a new discipline related to extension was proposed and approved. The actions produced at the school impacted the students, who started to have a new perspective about their professional career and their future. The article presents a reflection on the partial results of the program to contribute to the elaboration of extension actions that integrate a human dimension to the technical-scientific education of students.

Keywords: Extension Curricularization; National Education Plan; Information Science; University; Community

*Originais recebidos em
05 de agosto de 2020*

*Aceito para publicação em
16 de março de 2021*

1
Departamento de Ciência da
Informação, Universidade Federal
de Santa Catarina (UFSC).

2
Marista Escola Social Lúcia
Mayvorne.

3
Departamento de Ciência da
Informação, Universidade Federal
de Santa Catarina (UFSC).

marieneavale@gmail.com

(autora para correspondência)

Introdução

A comunidade do Monte Serrat, em Florianópolis, está localizada a menos de um quilômetro da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no entanto, a instituição universitária parece uma miragem inalcançável para grande maioria de seus moradores.

Essa realidade ficou demonstrada no desenvolvimento do Programa de Extensão Cibercidadania (Lemos & Lévy, 2010), uma iniciativa do Departamento de Ciência da Informação da UFSC (CIN/UFSC) para atender a meta de curricularização da extensão estabelecida pelo Plano Nacional de Educação (Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014). Não obstante, o programa inicialmente concebido com essa finalidade e a partir das disciplinas de Interação Comunitária I e II, sofreu mudanças radicais ao “subir o morro”, e se deparar com a realidade de dimensões desafiadoras, e distantes da concepção academicista.

Na sua fase inicial, em 2017, as primeiras ações do programa se mostraram insuficientes e demasiadamente arrogantes para o enfrentamento das realidades expostas e exigiu de seus coordenadores, docentes e discentes, o desenvolvimento de um perfil extensionista com o qual a academia não está acostumada.

De outro lado, o espaço público por ele aberto e a sua intencionalidade dialógica permitiram uma interação com outros parceiros institucionais, como a Escola Marista Social Lúcia Mayvorne (o ‘Lúcia’), cujo corpo docente e de gestão demonstraram maior integração à realidade local.

O programa foi realinhado, e os projetos resultantes foram construídos para atender diferentes objetivos. O primeiro deles era estimular os educandos do Ensino Médio a ingressarem no Ensino Superior, o segundo era disponibilizar conteúdos para estudos por meio de uma plataforma virtual, e o terceiro era ultrapassar os limites do Lúcia e expandir a atuação para toda a comunidade, para atender demandas que seriam descobertas ao longo do processo.

As intervenções foram propostas a partir da interação com os educandos da escola parceira, e por meio da aplicação de conteúdos de disciplinas do CIN/UFSC. Além disso, as ideias e os materiais desenvolvidos eram validados por toda a equipe do programa e, ao final de cada semestre, os projetos passavam por uma banca, composta por representantes da UFSC, do Lúcia e do ambiente corporativo, que apontavam possíveis pontos de melhoria para os semestres subsequentes.

As seções seguintes detalham o desenvolvimento do programa, suas sucessivas alterações e seus resultados parciais, uma vez que ainda está em desenvolvimento. Ele traz, portanto, uma perspectiva descritiva, ao mesmo tempo em que se configura num ensaio crítico acerca das atividades de extensão desenvolvidas no âmbito do programa Cibercidadania, e aponta reflexões sobre a curricularização da extensão.

O Início: da certeza arrogante às incertezas criativas

O Plano Nacional de Educação (PNE) e sua meta 12.7 (Lei Federal nº 13.005, 2014) foram o ponto de partida para a construção de projetos mais audaciosos de extensão. Embora a Magna Carta de 1988 já tivesse esculpido no ordenamento jurídico nacional a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o PNE foi um elemento catalisador indispensável para o fortalecimento da extensão e para o surgimento de novas iniciativas nas Universidades Públicas.

A referida meta determinou que 10% do total da carga horária dos cursos de graduação deve ser composto por atividades de extensão, envolvendo a totalidade de seus acadêmicos. Assim, mesmo que timidamente, o CIN/UFSC, composto pelos cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação, reestruturou

seus currículos em 2016, criando um núcleo comum de disciplinas e, dentre elas, as de Interação Comunitária I e II.

O objetivo não era cumprir, de imediato, o percentual de 10% exigido pelo PNE, mas introduzir uma mudança inicial que possibilitasse novas práticas, e desencadeasse a criação de um perfil extensionista para docentes e discentes. No entanto, as referidas disciplinas partiram de uma concepção idealizada por docentes que, naquele momento, ainda não interagiam com qualquer comunidade.

As ementas e objetivos das disciplinas eram tentativas bem intencionadas de democratizar conhecimento e tecnologias, mas não estabeleciam métodos de como fazer esse processo. Pior, pré-determinavam o que a comunidade deveria receber de conhecimento e como ela deveria absorver, impossibilitando um diálogo entre os atores envolvidos.

No segundo semestre de 2017, a interação com a comunidade do Monte Serrat, mais especificamente o Lúcia, demonstrou a necessidade de reformulação dos métodos utilizados. Em uma banca de validação dos projetos elaborados pelos estudantes nas referidas disciplinas, na qual participaram os membros da comunidade e os professores universitários, foram apresentados dois projetos de extensão. Os dois precisaram ser substancialmente reformulados, pois não partiam das necessidades da comunidade, mas de uma preconcepção acadêmica acerca do que a comunidade precisava.

Nessa ocasião, com a participação da comunidade, se vislumbrou a necessidade de uma ação de extensão de maior duração, e de diferentes formas de atuação. Assim, a execução de projetos isolados com objetivos pontuais foi substituída pela concepção de um programa¹ de atuação perene, com a potencialidade de articular diferentes iniciativas. O programa Cibercidadania começa a ganhar suas primeiras linhas.

O primeiro projeto apresentado, denominado de TechDay, tinha por objetivo elaborar uma exposição semestral de produtos tecnológicos desenvolvidos pela UFSC. Os representantes da comunidade apontaram a periodicidade e a falta de interação entre os educandos da comunidade e os estudantes da UFSC como pontos fracos da proposta. Na sua concepção, a simples amostra organizada de tecnologia em períodos espaçados seria como “passear no *shopping* sem dinheiro ou cartão de crédito”.

O segundo projeto, então denominado de Plataforma, tinha por objetivo a criação de um *site* que compilasse e organizasse um conjunto de informações necessárias para que os educandos do Lúcia se preparassem para o ingresso na Universidade Pública. A falta de acesso à internet, a ausência da cultura de estudo, e a falta de informações básicas sobre o acesso e a permanência na UFSC, demonstraram as fraquezas da proposta que, ao final, foi radicalmente reformulada, como se verá adiante.

A perspectiva inicial de democratização da tecnologia a partir de uma atuação expositiva ou, mesmo em alguns momentos, assistencialista, precisava ser substituída. No entanto, não se sabia para onde ir.

Em conjunto, as equipes do Lúcia e da UFSC estabeleceram um eixo de atuação a partir da realidade da comunidade, qual seja, a de se trabalhar com a inclusão informacional, partindo da realidade excludente local, desenhada por suas dimensões econômicas, sociais e educacionais, muito próxima ao conceito de excluídos digitais, apontado por Fitch (2002) e por Harari (2016)².

Esse eixo também apontava a direção ou os objetivos que a comunidade desejava alcançar na interação com a UFSC, que por sua vez ficavam limitados às competências dos professores e estudantes envolvidos no projeto. A síntese dessa interação apontou duas direções para os projetos a serem desenvolvidos no programa, quais sejam: 1) a de que futuros projetos deveriam focar nas possibilidades de aumento dos níveis de escolaridade dos secundaristas e; 2) a geração de renda para a comunidade.

Na construção do método, a inspiração partiu dos estudos de Vygotsky (1991) acerca das características da Zona de Desenvolvimento Proximal. Ela pode ser entendida como a diferença existente entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial de um indivíduo. É como um espaço que diferencia o que se é capaz de realizar, de maneira independente, e o que se consegue fazer somente com o suporte de outra pessoa. Assim, o potencial que já está latente pode se desenvolver e, gradativamente, se consolidar. Fala-se em inspiração, pelo fato de que a construção dos espaços de interação entre os atores envolvidos e a própria arquitetura dos projetos não seguiu concepções teóricas rígidas, pelo contrário, os projetos foram constantemente adaptados à realidade.

A inspiração serviu para que os projetos tivessem como método principal a construção de espaços onde os estudantes do CIN/UFSC pudessem interagir com os educandos do Lúcia. Assim, privilegiou-se a racionalidade comunicativa preconizada por Habermas (1989), em detrimento da racionalidade instrumental, visto que esta baseia-se em relações de dominação, enquanto aquela diz respeito à busca pelo consenso, por meio do diálogo entre os diferentes atores sociais, estabelecendo relações sujeito/sujeito e estimulando ações emancipatórias (Fontes, 2020). Desse modo, foi possível promover interações humanizadas e transformadoras, em consonância com a perspectiva habermasiana que considera que se deve “fazer da educação um processo de conscientização, auxiliando na instauração de uma sociedade mais justa, equilibrada e racional” (Mühl, 2011, p. 1043).

A Comunidade e o Lúcia

O Monte Serrat, comunidade na qual o Lúcia se localiza, é uma das 16 comunidades de uma região denominada Maciço do Morro da Cruz, situada na região central de Florianópolis. A comunidade, também conhecida como Morro da Caixa D'Água, fazendo referência à caixa d'água instalada ali em 1909 para abastecer o centro da cidade, é uma das mais antigas do município. Seu processo de formação está relacionado “ao período da escravidão, ao higienismo proposto pelo projeto urbanístico da cidade na década de 1920 e ao desenvolvimento da construção civil no período de 1950 e 1960” (Maia, 2019, p. 46). A população total do Maciço está estimada em cerca de 25 mil habitantes (Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2015).

Além do Monte Serrat, a escola atende a outras comunidades do Maciço como Alto da Caeira, Caeira do Saco dos Limões, Serrinha, Tico-tico, Morro do Duduco, entre outras. Uma delas, o Pastinho, é considerada um quilombo urbano, por sua trajetória diretamente relacionada à história da população negra no município (Maia, 2019). O contexto das comunidades atendidas está permeado por questões sociais comuns nas periferias, como o desemprego, famílias chefiadas por mulheres, a violência urbana, a violência doméstica, envolvimento com o narcotráfico, além de precariedade nas condições de moradia e saneamento básico (Centro Educacional Marista Lúcia do Livramento Mayvorne, 2017).

Desde 2012, o Grupo Marista é responsável pela gestão do Lúcia, antiga Escola Básica Lúcia do Livramento Mayvorne, por meio de convênio com o governo do estado de Santa Catarina. A escola tem cerca de 500 educandos matriculados do 1º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, e realiza por volta de 800 atendimentos diários nas atividades de regime integral nos Anos Iniciais e de contraturno nos Anos Finais e no Ensino Médio. O Ensino Médio, noturno, é mais recente, com as primeiras turmas iniciadas em 2015.

Em seu quinto ano de existência, o Ensino Médio do Lúcia passou por mudanças no perfil discente. Inicialmente, a maior parte do grupo era composto por adultos entre 16 a 46 anos de idade (73% de distorção idade/série) que buscavam retomar os estudos e não sonhavam nem acreditavam na sua capacidade em acessar um curso universitário. Nesse sentido, a proposta pedagógica da escola seguia uma linha de ensino mais voltada à construção de projetos interdisciplinares e de retomada aos estudos. Esse perfil de educando possuía pouco interesse na realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou vestibulares, uma vez

que os esforços estavam concentrados na conclusão do Ensino Médio, para inserção ou progressão no mercado de trabalho, e por não visualizarem a possibilidade e capacidade de acessar a universidade. Ainda assim, nesse período houve acesso a cursos de nível superior na UFSC, Universidade do Estado de Santa Catarina, Instituto Federal de Santa Catarina, Faculdade CESUSC, e Faculdade Estácio de Sá.

Com os investimentos realizados ao longo do tempo, a escola como um todo vivenciou um processo de diminuição da distorção idade/série, e o Ensino Médio foi se tornando mais jovem. A conclusão da turma de 2019 marcou a finalização de um ciclo, com a última turma com traços do antigo perfil. Atualmente, a idade dos educandos do Ensino Médio varia de 15 a 25 anos, com 46% de distorção idade/série.

Com as turmas progressivamente mais jovens, a estratégia pedagógica também se modificou. Com uma maior manifestação de interesse por parte dos educandos com relação à participação em processos seletivos de universidades, e também um redirecionamento institucional, o planejamento pedagógico passou a se voltar para a proficiência acadêmica nas áreas do conhecimento, com vistas à realização de avaliações de larga escala.

Apesar do significativo aumento no interesse dos educandos das turmas mais recentes em cursar uma graduação, vários desafios seguem impostos na vida cotidiana dos jovens do morro. O acesso à internet está longe de ser uma realidade para todos, bem como a aquisição de computadores (menos de 5% possuem computador em casa), sem falar na dificuldade de acesso a necessidades básicas de infraestrutura, alimentação e lazer. Tais desafios, comuns para o jovem em vulnerabilidade socioeconômica, o distancia do ambiente universitário, mesmo com a pouca distância física entre os espaços. O desejo e o sonho de cursar uma graduação tem se mostrado mais presente, bem como o olhar para o reconhecimento de sua capacidade e direitos sociais, porém sua condição o instiga para a direção da grande necessidade de prover meios para subsistência, a partir da inserção no mundo do trabalho. Nesse contexto, o programa Cibercidadania realizou contribuições significativas, como será analisado a seguir.

Os Novos Projetos

Horizonte Digital (HD)

Tendo como referência a proposta do TechDay, mencionada anteriormente, os estudantes das disciplinas de Interação Comunitária I e II do primeiro semestre de 2018 desenvolveram o Horizonte Digital (HD). O projeto oferece capacitações para os estudantes de Ensino Médio do Lúcia, com o uso de recursos lúdicos e atividades práticas. Para isso, foi necessária uma mudança de perspectiva na relação com a comunidade e o esforço de todos os envolvidos.

O primeiro passo foi conhecer a instituição parceira e seus educandos, a fim de compreender as necessidades existentes e que poderiam ser abordadas nas intervenções subsequentes. Para isso, foram realizadas breves entrevistas, em formato de bate-papo, com os educandos do Lúcia, nas instalações da própria escola.

A partir das informações obtidas, foram elaboradas as *personas*, representações em forma de texto e imagens que reúnem fatores comuns do público pesquisado, baseadas em dados reais sobre características demográficas e comportamentais (Bonnardel & Pichot, 2020), incluindo aspectos como interesses, motivações e dificuldades vivenciadas ao longo da vida.

Para a elaboração de cada *persona* foi utilizado o mapa da empatia, recurso metodológico estudado pelos membros das equipes na disciplina de Empreendedorismo, oferecida aos cursos do CIN/UFSC. O mapa é uma ferramenta que permite conhecer a realidade do público pesquisado a partir de uma perspectiva empática; conseqüentemente, ele possibilita compreender as necessidades desse público (Cândido & Bertotti, 2019).

Após a criação das *personas*, foram definidos temas potenciais para as capacitações, considerando as demandas e os interesses dos jovens, bem como as competências desenvolvidas pelos estudantes da UFSC. Os temas foram apresentados à coordenação da escola, que indicou a importância do incentivo à continuidade dos estudos no nível superior. Desse modo, decidiu-se abordar assuntos que permeiam esse universo, a saber: a) cursos e profissões; b) planejamento de estudos; c) ingresso no Ensino Superior – Vestibular e ENEM; d) permanência no Ensino Superior.

As diferentes áreas do conhecimento, assim como a diversidade de graduações e profissões existentes, são abordadas pelo tema cursos e profissões, que mostra os distintos caminhos que os jovens podem seguir, sem se limitarem às formações tradicionais. Em planejamento de estudos, busca-se identificar as estratégias de aprendizagem, conciliando-as em um cronograma de estudos que seja aplicável à disponibilidade dos educandos. Em ingresso no ensino superior, as capacitações focam no vestibular da UFSC e no ENEM, com informações que incluem, dentre outras, orientações sobre isenções de taxas de inscrição e marcação nas folhas de respostas dos respectivos processos seletivos. A permanência é o tema da última capacitação, com o intuito de mostrar que ingressar no Ensino Superior é apenas o começo de uma jornada, e para se manter na UFSC é possível contar com diversos serviços, além da possibilidade de receber determinados auxílios, de acordo com a situação socioeconômica do estudante.

Desse modo, as capacitações concentram temas que objetivam incentivar os estudos e dar suporte aos estudantes do Lúcia para seguirem seu processo de aprendizagem e formação profissional no nível superior.

Território Digital (TD)

Alinhado às demandas do Lúcia, o Território Digital foi construído pelos discentes das disciplinas de Interação Comunitária I e II do primeiro e segundo semestres de 2019. Seu desenvolvimento teve como base um protótipo criado em um período anterior ao programa, no ano de 2017, denominado de Plataforma Web. Seu principal propósito é servir como uma plataforma de apoio ao ensino presencial, igualmente direcionada para os educandos do Ensino Médio do Lúcia. No seu caminho até à utilização efetiva por parte da escola, o projeto precisou adaptar-se à realidade da comunidade e seus desafios.

Em um primeiro momento, foi necessário conhecer como os educandos interagem com o mundo digital e a forma como utilizam a internet. Para verificar as possibilidades de aplicação do projeto, foram realizadas reuniões e bate-papos entre as partes envolvidas. Com base nos dados coletados, constatou-se que a maioria dos estudantes utilizava aparelhos *mobile* para estudar e que a conexão com a internet, disponível nesses dispositivos, assim como a da escola, era lenta.

Dadas as circunstâncias, ficou acordado que para a construção do *site* seria utilizada a plataforma *WordPress* da UFSC, internamente conhecida como Páginas UFSC. Os fatores determinantes para essa decisão foram: a) o baixo consumo de dados que a plataforma exige do estudante; b) a responsividade em diferentes dispositivos como *smartphones*, computadores e *tablets*; c) por último, o baixo custo de implementação, uma vez que o Páginas é ofertado à toda universidade gratuitamente.

O *site* está no ar desde o segundo semestre de 2019. Nele encontram-se disponíveis conteúdos organizados por ano, disciplina e semana. Todos esses conteúdos são produções dos professores e são elaborados de acordo com o plano pedagógico do Lúcia. Além disso, dentro da plataforma também é possível encontrar todo o material bibliográfico produzido pelo projeto Horizonte Digital. Até o mês de agosto de 2020, o *site* do Território Digital contou com mais de 2.120 acessos, com cerca de 84 usuários ativos e duração média da sessão de 11 minutos.

Assim, o projeto utiliza das práticas da extensão para levar o conhecimento desenvolvido no CIN/UFSC até o Lúcia que, por sua vez, retorna os insumos e os ambientes necessários para o desenvolvimento da interação comunitária.

Projeto X

O Projeto X ainda está em fase de elaboração em conjunto com a comunidade. Suas linhas e eixos iniciais apontam para a necessidade de capacitação dos moradores da comunidade para geração de renda.

A equipe de professores e estudantes responsável pelo projeto está levantando dados sobre os empreendedores locais, priorizando as iniciativas de caráter social. Tendo em vista o impacto da pandemia em algumas atividades de ensino das instituições envolvidas, as atividades do projeto estão temporariamente paralisadas, não havendo dados consolidados sobre o mesmo.

Resultados Parciais do Programa de Extensão Cibercidadania

O período em que o programa está ativo corresponde à metade da duração estabelecida, e nele notou-se a evolução da equipe que coordena as atividades e dos estudantes matriculados a cada semestre nas disciplinas de Interação Comunitária I e II, além da consolidação e do fortalecimento da parceria com o Lúcia, envolvendo não apenas a coordenação pedagógica e os educandos atendidos, como todo o corpo docente do Ensino Médio.

Em 2018, educandos do segundo e terceiro anos do Ensino Médio do Lúcia tiveram oportunidade de se inscrever nas capacitações do HD, que aconteceram tanto no período noturno na própria escola, quanto no turno matutino de sábado na universidade. Observou-se que revezar as atividades entre os dois locais proporcionou aprendizados para todos os envolvidos. Os estudantes da UFSC conheceram a escola e a comunidade, e tiveram contato com uma realidade diferente da que a maioria dos universitários está habituada. Por sua vez, os educandos do Lúcia puderam se aproximar do ambiente da universidade e assimilar que ele é um espaço público e plural, aberto também para a comunidade. Afinal, ele tem se tornado mais acessível a parcelas da população que, anteriormente, não vislumbravam o Ensino Superior como uma possibilidade de formação.

A criação de materiais que pudessem ser utilizados em semestres posteriores também se deu no primeiro ano do programa, por meio da elaboração de *slides*, *e-books*, cartazes e jogos. Nesse período, a maior parte dos estudantes matriculados atuou no HD, a partir da formação de subgrupos responsáveis pelos temas das capacitações. Em paralelo e com outra coordenação docente, um grupo de estudantes desenvolveu a concepção inicial da plataforma de apoio ao ensino presencial que, em 2019, ganhou os contornos do projeto Território Digital, descrito anteriormente.

Em 2019, os estudantes da UFSC foram divididos em três equipes, a partir do perfil e do interesse de cada um deles. A primeira equipe passou a se dedicar exclusivamente ao HD, contando com o apoio de uma mentora³. A segunda equipe ficou responsável pelo TD, possuindo dois mentores para suporte às atividades. A terceira equipe teve a oportunidade de dar vida a um novo projeto, que ultrapassasse os limites do Lúcia e contribuísse mais diretamente com a comunidade do entorno, o Projeto X, que também foi acompanhado por uma mentora.

No HD as capacitações foram reformuladas, a partir da elaboração de novos jogos, que tornaram as intervenções mais lúdicas e atrativas. A cada semestre, ficou evidente que se atingia o objetivo de cada capacitação quando toda a turma era dividida em pequenos grupos e, posteriormente, reunida no grande

grupo, com o uso de atividades nas quais pudessem participar de maneira ativa. Essa dinâmica fez com que os educandos se sentissem mais confortáveis para interagir entre si e com os estudantes da UFSC, e para realizar as atividades propostas.

Outra alteração que tornou a atuação do HD mais efetiva foi a relação estabelecida com a disciplina Projeto de Vida e Interioridades, oferecida na grade curricular do Ensino Médio do Lúcia. Com isso, foi possível manter o diálogo com a docente responsável e agir de maneira conjunta, associando os propósitos do projeto de extensão com os objetivos da referida disciplina. Nesse sentido, o foco migrou para os educandos do primeiro e segundo anos, a fim de que as atividades se caracterizassem como um processo ao longo do Ensino Médio. Além disso, elas deixaram de ser ofertadas de maneira eletiva, para educandos que se inscreviam previamente, e passaram a ser oferecidas para toda a turma no horário da disciplina (ainda com um encontro na UFSC em um sábado letivo).

O contato da equipe do HD com os educandos ao longo dos semestres contribuiu para a construção de um vínculo, e aumentou o interesse dos universitários pelas atividades do projeto. A participação dos educandos em atividades aos sábados (opcionais) tiveram aumento expressivo quando se relacionavam ao projeto HD, com frequência no mínimo 30% maior do que em outros eventos (exceto Dia da Família e Festa Junina).

Algumas adversidades surgiram nos quatro semestres de atuação do HD, como a paralisação dos caminhoneiros em maio de 2018 e a greve estudantil em setembro e outubro de 2019. Ainda assim, as capacitações foram oferecidas de acordo com as contingências, de modo a manter o projeto ativo, buscando cumprir sua missão de capacitar pessoas e ampliar possibilidades.

A progressiva mudança de perfil do educando do Ensino Médio do Lúcia, já relatada, tem como um de seus fatores as oportunidades de aprendizagem oferecidas pelo HD. Após dois anos em desenvolvimento, tem-se um terceirão (que desde o primeiro ano tem contato com o projeto) em que mais de 60% busca cursos universitários, 30% opta por cursos técnicos e 10% têm por objetivo finalizar o Ensino Médio para ingressar no mercado do trabalho.

Como já mencionado anteriormente, em 2019 a equipe de estudantes e mentores responsável pelo TD, conseguiu superar alguns problemas do antigo projeto. Mais próximos da comunidade, os novos mentores entenderam que a ausência de computadores nos domicílios dos educandos, a restrição de acesso à internet e a utilização quase universal de *smartphones* exigia uma proposta mais enxuta e atualizada da plataforma.

O principal resultado foi a mudança de concepção adotada pelos estudantes. Eles abandonaram a ideia de entregar um produto, e partiram para a realidade local com o objetivo de entender como um educando do Lúcia estuda e como a internet pode ser útil nessa atividade. Até então, se trabalhava com uma plataforma que dependia de uma maior quantidade de dados para o seu acesso, não oferecia responsividade e tinha lentidão para o carregamento. Em outros termos, não estava totalmente focada na *persona* do projeto, que possui pouco ou nenhum acesso à internet de qualidade, que permita abrir imagens e documentos pesados, e que tem acesso somente a um aparelho celular ou ao computador da escola no momento de aula.

Pensando nisso, a transformação para o Território Digital, na plataforma *Wordpress*, por meio do ambiente virtual da UFSC, possibilitou que todos os problemas listados acima fossem solucionados, oferecendo acesso responsivo para computadores ou *smartphones*, conteúdos leves, menus individualizados por séries/anos e disciplinas. Uma poderosa ferramenta para todos os atores envolvidos: escola, professores e educandos. A Figura 1 demonstra a constante adaptação e as melhorias dos projetos do Cibercidadania.



Figura 1. Evolução cronológica do Programa Cibercidadania, do Departamento de Ciência da Informação da UFSC.

Resultados Institucionais: quando a universidade também aprende

A experiência relatada também trouxe importantes e significativas contribuições para a execução das ações de extensão realizadas no âmbito do programa Cibercidadania e para o CIN/UFSC.

A relação interativa entre a Universidade e a comunidade é a primeira delas. Como abordam Ribeiro et al. (2018), o fluxo entre o conhecimento acadêmico e o saber popular é fundamental para referenciar a ação de extensão no cotidiano, de forma a superar as superespecializações não dialogantes. A separação entre sujeito/objeto e entre razão/emoção devem ser superadas para que a extensão seja efetiva.

Essa relação ficou clara na transformação do projeto TechDay em Horizonte Digital, bem como nos aprimoramentos do projeto Território Digital. Em ambos, foi imprescindível a substituição de uma postura hierarquizante entre saberes não formais ou conhecimento popular e o conhecimento técnico-científico, por um diálogo mediado pela realidade local. O desenvolvimento dos projetos proporcionou também a interprofissionalidade (Pereira & Vitorini, 2019), por meio da articulação entre *experts* de diferentes áreas do conhecimento, tanto da UFSC quanto do Lúcia, para a resolução de problemas reais da comunidade.

A interação entre professores de diversas áreas como Direito, Biblioteconomia e Sociologia, bem como a inserção de mentores de diversos cursos, ou mesmo de mentores já graduados em outras áreas como Psicologia, foram fundamentais para o desenvolvimento do programa. Os problemas encontrados na execução de ações de extensão em uma comunidade não são facilmente resolvidos. Eles apresentam uma complexidade que pode ser melhor enfrentada com uma multiplicidade de competências.

A flexibilidade curricular, também salientada por Pereira e Vitorini (2019), entendida como um conjunto de atividades com maior liberdade de atuação e escolha para professores e estudantes, foi fundamental para a adaptação do programa Cibercidadania à realidade da comunidade. Como consequência, a execução do programa contribuiu para a alteração das disciplinas de Interação Comunitária I e II, ao estabelecer disciplinas mais flexíveis e capazes de interagir com maior facilidade com propostas de futuros programas e projetos.

Com o objetivo de fomentar a curricularização da extensão no CIN/UFSC, os integrantes do programa ainda propuseram a criação da disciplina de Laboratório de Empreendimentos Sociais (LES), conforme apresentada no Quadro 1, que foi aprovada pelo colegiado do Departamento em 2020.

A criação da disciplina consolida, em parte, o aprendizado do CIN/UFSC na execução de ações de extensão na Comunidade do Monte Serrat. Ela institucionaliza, no currículo dos cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação, a prática dialógica estabelecida entre a UFSC e a comunidade, referenciando a ação de docentes e discentes.

Por fim, tem-se também como resultado a integração entre a disciplina, a ação de extensão (programa ou projeto) e a comunidade. A integração entendida como um espaço institucionalizado, com infraestrutura e fomento da Instituição de Ensino Superior, no qual podem ser desenvolvidas em conjunto as atividades de concepção, planejamento, execução e avaliação de ações de extensão.

Considerações Finais

A curricularização da extensão é um desafio para a universidade, pois traz a necessidade de aproximação com a exterioridade, que por sua vez promove uma saudável e constrangedora reflexão sobre os rituais acadêmicos.

Na exterioridade e no contato com a diversidade social exigida pela extensão não existe espaço para a hierarquização de saberes, para disciplinas fechadas no universo de suas ementas, e para professores extremamente academicistas sem desejo de aprender e se envolver. O envolvimento e a escuta da comunidade são de suma importância, a fim de perceber suas lógicas e suas necessidades, para que de fato se possa desenvolver ações que sejam relevantes para aquele contexto.

A extensão deve ser um espaço para encontros entre a teoria e a prática, entre os sujeitos da academia e da comunidade, e entre a epistemologia moderna e seus limites. Um espaço em que tanto a razão quanto a emoção estão presentes, integrando o conhecimento técnico-científico à dimensão humana.

Quadro 1. Ementas das disciplinas do CIN/UFSC relacionadas à extensão

Interação Comunitária I (1 crédito)	Interação Comunitária II (1 crédito)	Laboratório de Empreendimentos Sociais - LES (2 créditos)
Inserção em ambientes públicos de acesso à informação. Organização, acesso e democratização aos serviços de informação. Atividades integradoras para acesso à informação pela sociedade.	Transferência de conhecimento tecnológico. Desenvolvimento local. Tipos e níveis de transferência do conhecimento. Criação, implementação e disseminação de tecnologias da informação em comunidades de baixa renda.	Disciplina de natureza teórico-prático-reflexiva que desenvolve atividades de integração entre academia e a sociedade civil onde se possa estabelecer uma relação dialógica e contribuir para a implantação da meta 12.7 do Plano Nacional de Educação. Desenvolver atividades de concepção, planejamento e execução de programas, projetos e ações de extensão em diferentes realidades sociais e a partir de um referencial sociocultural.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A curricularização da extensão irá exigir das universidades diferentes métodos e formas de implementação, onde a única constante, como percebido na execução do programa Cibercidadania, é a necessidade de reflexão e aprendizado institucional.

Contribuição de cada autor

Todos os autores atuaram no planejamento, na execução e na avaliação das atividades e participaram da redação do artigo. Adicionalmente, o autor M.M. realiza a coordenação do Programa Cibercidadania.

Notas

1. A Resolução nº. 88/2016 do Conselho Universitário da UFSC define programas e projetos como: "I – programa de extensão, que constitui um conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão, tais como cursos, eventos, prestação de serviços e publicações, preferencialmente integrando as ações de extensão, pesquisa e ensino, tendo caráter orgânico-institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, e sendo executado a médio e longo prazo; II – projeto de extensão, que constitui um conjunto de ações de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado, podendo ser isolado ou vinculado a um programa".
2. Como esses conceitos não são objeto desse trabalho, mas serviram de inspiração para o desenvolvimento do projeto, sua análise não será aprofundada. Para saber mais, recomenda-se a leitura dos autores citados nas referências bibliográficas.
3. A mentoria foi fundamental para o desenvolvimento dos projetos. Trata-se de estudantes com perfil extensionista que obtiveram desempenho de excelência nas disciplinas de Interação Comunitária I e II e realizam atividades de orientação de seus colegas nas atividades. Por possuírem competências mais desenvolvidas nessa área servem de suporte fundamental para os colegas que, inspirados por seus exemplos, começam a apresentar rendimento semelhante.

Referências

- Bonnardel, N. & Pichot, N. (2020). Enhancing collaborative creativity with virtual dynamic personas. *Applied Ergonomics*, 82, 102949.
- Cândido, A. C., & Bertotti, P. S. da S. (2019). Mapa da empatia para os estudos de usuários da informação: Proposta de abordagem interdisciplinar. *Biblos*, 33(1), 94-111.
- Centro Educacional Marista Lúcia do Livramento Mayvorne. (2017). *Projeto Político Pedagógico*. Florianópolis.
- Fitch, D. (2002). Digital inclusion, social exclusion and retailing: An analysis of data from the 1999 Scottish Household Survey. *Proceedings of the International Symposium on Technology and Society*, Raleigh, NC, USA. New York: Institute of Electrical and Electronics Engineers (IEEE). Recuperado de <https://ieeexplore.ieee.org/document/1013831>
- Fontes, P. V. (2020). A reflexão epistemológica de Habermas e a sua proposta de racionalidade comunicativa. *Griot Revista de Filosofia*, 20(1), 277-288.
- Habermas, J. (1989). *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Harari, Y. N. (2016). *Homo Deus: Uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lemos, A. & Lévy, P. (2010) *O futuro da internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus.
- Maia, C. G. A. (2019). O morro feminino é negro: Uma análise interseccional sobre vozes negras em Florianópolis-SC. *Humanidades e Inovação*, 6(16), 44-57.
- Mühl, E. H. (2011) Habermas e a educação: Racionalidade comunicativa, diagnóstico crítico e emancipação. *Educação e Sociedade*, 32(117), 1035-1050.

Pereira, N. F. F. & Vitorini, R. A. da S. (2019). Curricularização da extensão: Desafio da educação superior. *Interfaces Revista de Extensão da UFMG*, 7(1), 19-29.

Prefeitura Municipal de Florianópolis. (2015). *Projeto Maciço do Morro da Cruz*. Florianópolis: Secretaria Municipal de Infraestrutura.

Ribeiro, M. R. F., Mendes, F. F. de F. & Silva, E. A. (2018). Curricularização da extensão em prol de uma universidade socialmente referenciada. *Revista Conexão*, 14(3), 334-342.

Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Como citar este artigo:

Minghelli, M, Pereira, V. S., do Vale, M. A., Garcia, B. B., Martins, Y. D., & de Farias, I. G. T. (2021). Tão, tão distante: A extensão universitária e a (ir)relevância das periferias. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 12(1), 113-124. <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/11659/pdf>
